



GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal

Coordenador(es):

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis

Debatedor/a: Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais

Debatedor/a: Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal

Debatedor/a: Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal “real”; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

A antropologia de um lugar ?distante?: a forma de vida e as relações intersubjetivas (e inter espécies) na Coxilha Rica em Santa Catarina

Autoria: Eduardo Hector Ferraro (UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí)

As grandes extensões dos campos da Coxilha Rica, no Estado de Santa Catarina, Brasil, são locais onde a vida flui entre humanos e não humanos, animais domésticos e selvagens, configurando relações intersubjetivas e inter espécies, delineando comportamentos, fomentando formas de pensamento e uma sociabilidade própria do lugar. Embora esses locais estejam próximos de alguns centros urbanos do Estado de Santa Catarina, seus acessos os tornam de alguma maneira ?distantes?, pelas extensões territoriais, pelas estradas sinuosas, maiormente de terra batida. É característica a divisão de terras em fazendas, ou propriedades rurais, como também a existência de alguns vilarejos com moradias, algo menos frequente na região. Estas divisões territoriais organizam a vida e a sociabilidade entre pessoas e espécies animais, determinando alguns espaços para esses encontros entre humanos e outras formas de vida. A questão das distâncias (longe/perto) e da vastidão torna-se essencial para entender relações de amizade, cooperação, ou tensões entre espécies. Neste artigo proponho fazer uma antropologia da Coxilha Rica, ou seja, fazer uma sociologia comparativa desse lugar usando alguns conceitos e teorias que sirvam para evidenciar as relações existentes entre seres



nessas latitudes. Veremos como os conceitos de distância, vastidão e divisão territorial se relacionam com outros de sentido geográfico e antropológico, como o de território, lugar, paisagem, e ambiente, incidindo diretamente na forma de vida desse lugar. Finalmente, verificamos como estes conceitos regulam as relações intersubjetivas e inter espécie da Coxilha Rica.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: